

BRASIL - PORTUGAL

1 DE FEVEREIRO DE 1908

N.º 217

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L.ºdo Conde Barão, 50 — Lisboa



O Senhor D. Miguel de Bragança
e sua esposa a Senhora D. Maria Thereza

Tem, n'este momento, excepcional evidencia a real familia proscripta.

A recente conferencia que o sr. D. Miguel teve ha pouco em Londres com dois dos seus amigos, figuras em relevo no partido legitimista portuguez, os srs. D. Miguel Vaz d'Almada e D. Alexandre de Saldanha da Gama, chamou a attenção para a sua personalidade, para os seus pontos de vista, por assim dizer, para o seu programma politico de governo.

A interview, que alguns jornaes reproduziram, entre os seus representantes e o sr. D. Miguel Vaz d'Almada, mais ainda fez convergir todas as attenções para a individualidade do principe proscripto, que com sua esposa e seus filhos vive a vida portugueza n'um castello da Allemanha, e acaricia o fundo desejo de presidir um dia aos destinos de Portugal.

As ideias de tolerancia e de progresso, os projectos de administração publica expendidos no seu programma verbal, n'este momento mais do que nunca impressionaram a opinião publica, e fizeram remocar um partido que parecia só viver das recordações do passado, e que d'esse momento em diante se apresenta como que impellido pelas aspirações do futuro.

Alem dos retratos do sr. D. Miguel de Bragança e de sua esposa, a sr.ª D. Maria Thereza, publicamos um grupo com o principe, o seu secretario, e os seus como que logares tenentes em Portugal, D. Alexandre de Saldanha da Gama e D. Miguel Vaz d'Almada, este honrado legitimista que os jornalistas entrevistaram, e que reúne aos primores da educação e fidalguia do tracto a mais impecavel lealdade de caracter.



O Senhor D. Miguel de Bragança
e os srs. D. Alexandre de Saldanha da Gama, D. Miguel Vaz d'Almada
e D. João d'Almeida Correia de Sá (Lavrado)

(Grupo tirado em Londres)

Egrejas, mosteiros e capellas



ITALIA — A cathedral de Milão

A cathedral de Milão

A Italia, patria do maior numero de glorias artisticas, possui na cathedral de Milão um dos mais bellos monumentos da terra, uma maravilha de architectura que profundamente impressiona todos os viajantes.

Exemplar magnifico da arte gothica levada a requintes de elegancia e de riqueza, a sua fachada de marmore branco parece, quando illuminada pelos raios da lua, uma montanha de alabastro povoada por milhares de figuras esbeltas. Com effeito, mais de 4:800 estatuas de marmore adornam o exterior d'este soberbo monumento, todas ellas verdadeiras obras primas, algumas das quaes devidas ao cinzel de Canova.

Quem passeasse pelas alturas d'esta oitava maravilha julgaria achar-se entre galerias aereas de esculptura, rodeado de infinitas columnas, torres, arcos, tudo habitado por legiões de anjos de nivea brancura, por centenas de guerreiros, santos, reis, cherubins, destacando sob o céu estrellado os seus contornos de prata.

No interior, a cathedral é digna da sua fachada pelas suas dimensões, pelas proporções gigantescas das suas columnatas, pela magnificencia das suas vidraças, atravez das quaes o sol penetra, cahindo como rocio d'ouro e pedras preciosas sobre as lousas e o mosaico do pavimento.

O ANNEL

Uso do annel é conhecido desde a mais remota antiguidade, como symbolo authenticico dos actos e formalidades mais solemnes da vida. Os sellos gravavam-se ordinariamente sobre os anneis, e Diodoro affirma que se cortavam as mãos a quem falsificava o sinete dos principes. Pharaó, confiando a José uma auctoridade absoluta sobre o Egypto, deu-lhe o annel que era o sello real, como signal e insignia d'essa soberania suprema.

Os gregos e romanos tambem usavam este objecto de ornato. Pela morte de alguma pessoa notavel, como succedeu com Alexandre, o annel era dadiva que pertencia ao successor ou herdeiro. A principio este enfeite adornava o quarto dedo da mão esquerda, mas esta moda por tal forma e tão rapidamente se propagon, que chegaram a usar-se anneis em todos os dedos das mãos e até dos pés.

Servia tambem este objecto de ornato para distinguir as posições sociaes. Os escravos usavam annel de ferro; o povo annel de bronze ou prata; o annel de ouro só era concedido aos embaixadores, senadores e homens notaveis. Os primitivos habitantes da Escossia e da Inglaterra e os antigos gaulizes e francos tambem usavam este enfeite, e em muitos tumulos antigos se tem encontrado anneis de ouro adornados com varias inscrições.

O emprego d'esta prenda como symbolo da fidelidade conjugal

teve a sua origem entre os hebreus, pratica tambem seguida pelos gregos e pelos romanos, que a legaram aos christãos. Foi bem escolhido o annel para o emblema do matrimonio, porque a fórma circular representa o amor conjugal. O primitivo annel nupcial era de ferro magnetico, para significar, que da mesma fórma que o iman attrae o ferro, o esposo deve attrahir a consorte, roubando-a aos braços dos paes e da familia. A imaginação poetica dos antigos até suppunha que foi escolhido o dedo annular para trazer este emblema de fidelidade, porque d'elle partia uma linha mysteriosa, que communicava directamente com o coração.

Alguns anneis antigos que serviram tambem de sellos, tinham formas variadas e com diversas allegorias, representadas por figuras symbolicas. Um dos typos mais notaveis foi por muito tempo conservado em Roma, e depositado pelo imperador Augusto como joia preciosa no templo da Concordia. Este annel tinha a fórma de uma lyra, adornada com a figura de tres abelhas e a cabeça de um boi. A lyra é o emblema da poesia, as abelhas o symbolo do trabalho, e o boi o cunho caracteristico da riqueza.

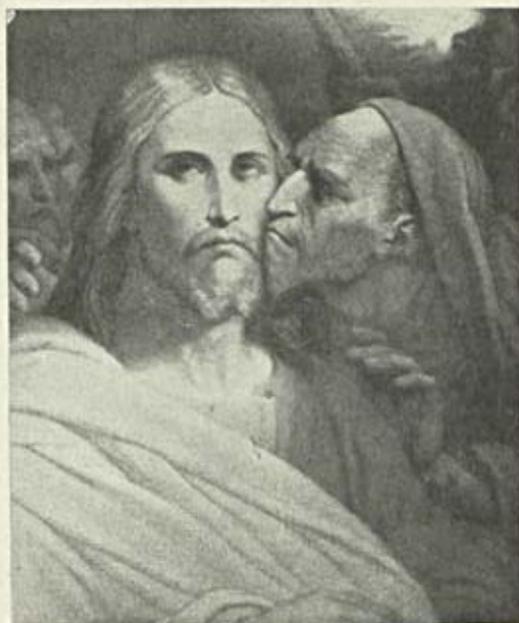
A historia do annel nem sempre representa este adorno como uma joia innocente. No seculo xvii, na Italia, houve muitos casos de envenenamento produzidos pelo *annel de morte*. Este instrumento terrivel tinha ordinariamente duas garras de leão fabricadas com o mais fino aço, communicando com um pequeno reservatorio interno, que continha o veneno subtil e mortifero. Nos bailes, nos theatros e nos logares de maior concorrência, o malvado que queria vingar-se de algum inimigo, apertava-lhe a mão, de modo que o ferisse levemente. Por este meio o veneno era inoculado no sangue e a morte infallivel.

O celebre Condorcet, secretario da Academia das Sciencias de Paris, perseguido e encarcerado pela revolução franceza, suicidou-se na masmorra para evitar a ignominia da guilhotina. O meio de que se serviu foi um annel de construcção italiana, que trazia no dedo, e que continha um veneno violento preparado por Cabanis. Arago affirma que Napoleão I possuia tambem um *annel de morte*, com o qual pretendeu envenenar-se em Fontainebleau.

Quantas maguas, quantas dores
Tendes vós alliviado,
Oh mãe do Crucificado,
Refugio dos peccadores!
Quem ouve os nossos clamores,
Quem acode a nossos gritos,
Senão vós, olhos hemditos,
Senhora da piedade!
Vós chamada com verdade
Consolação dos afflictos!

João de Deus.

ASSUMPTOS RELIGIOSOS



O beijo de Judas

Viagem do Principe Real

Aproveitando umas photographias que amavelmente nos foram enviadas pelo nosso assignante sr. Alberto Coutinho Castanheta, mais uma vez nos referimos hoje á viagem do Principe Real, na parte relativa a Angola, onde sua Alteza visitou varias localidades e entre ellas o concelho do Dombe Grande, um dos primeiros e ainda ha bem pouco chamado o *celleiro* da provincia.



Viagem do Principe Real. — NA PROVINCIA DE ANGOLA
Depois do desembarque no Cuio
Sua Alteza, ministro da marinha, etc.

Nos valles do Dombe e do Luacho — este ultimo é a continuação do primeiro — estão as propriedades dos srs. Antonio dos Santos Reis, Sousa Lara, e as do sr. Carlos Castanheta que são tres: — *Boa Lembrança, Granja e Santa Thereza do Luacho*, sendo esta ultima a mais importante.

N'estas fazendas cultiva-se a canna saccharina, a palmeira, o al-



Viagem do Principe Real. — NA PROVINCIA DE ANGOLA
Sua Alteza, ministro da marinha, etc., a caminho do Cuio
para o Dombe

godão e, ainda que em menor escala, o milho, o feijão, a batata doce, as hortaliças, etc.

Em Santa Thereza ha tambem grande quantidade de arvores de fructo — o caju, manga, pitanga e quasi todas as da Europa taes como a pereira, o morangueiro, nespereira, macieira, laranjeira, peregueiro e outras, havendo tambem pinheiros, carvalhos, etc.

As palmeiras são plantadas nas ruas, distanciadas entre seis a oito metros. Uma das nossas gravuras representa uma d'essas ruas actualmente chamada — rua Duque de Bragança — commemorando assim a visita do Principe Real.

No dia 4 de setembro Sua Alteza desembarcou no porto do Cuio onde era aguardado pelos srs. Romeiras de Macedo, governador do districto de Benguella, Amadeu Leite, chefe do concelho, Alberto Castanheta, Sousa Lara, etc.

Tinha havido idéa de arranjar uma flotilha de canoas tripuladas pelos pescadores do Cuio, mas não foi possível levá-la á pratica porque os pretos estavam convencidos do que o *filho do rei dos brancos* vinha para lhes cortar a cabeça! Afinal depois de o verem, disseram, muito admirados que era tambem branco e igual aos outros!

Depois das apresentações Sua Alteza, a sua comitiva e as pessoas que o aguardavam seguiram em trens para o Dombe. Na propriedade do sr. Sousa Lara foi servido o almoço, levantando este cavalheiro o primeiro brinde no qual agradeceu a Sua Alteza a honra que lhe fazia, respondendo o Principe que era com satisfação que visitava as colonias e que via o que todos em geral faziam pela Patria.

Findo o almoço o senhor D. Luiz Filippe visitou a fabrica da Companhia Assucareira do Dombe Grande depois do que seguiu



Viagem do Principe Real. — NA PROVINCIA DE ANGOLA
O desembarque no Cuio

para o Luacho, sendo-lhe apresentado o sr. Antonio dos Santos Reis ao passar pela fazenda d'este cavalheiro.

No Luacho Sua Alteza pernoitou na fazenda de Santa Thereza, uma das propriedades do sr. Carlos Castanheta, onde tambem lhe foi servido um magnifico jantar, occupando o Principe o lugar de honra e tendo á direita os srs. ministro da Marinha, governador geral, Filippe Castanheta, Marquez de Livradio, Joaguim Ribeiro, coronel Antonio Costa, Antonio Castanheta, Henrique da Costa, Barreto Tudella e á esquerda os srs. Carlos Castanheta, Romeiras de Macedo, Alberto Castanheta, José Francisco da Silva, Conde da Ponte, Hygino Durão, Fernando da Costa, Moreira Salles e Manuel Onofre.

O sr. Carlos Castanheta, brindando por sua Alteza, agradeceu ao Principe a honra que lhe fazia vindo a sua casa, lamentando não poder receber-o com todas as honras e festas a que tinha jus.

O senhor D. Luiz Filippe agradeceu a forma como tinha sido recebido, sentindo que o tempo de que dispunha lhe não permitisse ver minuciosamente a propriedade do sr. Castanheta por cujas prosperidades brindava.

Sua Alteza dignou-se tambem assignar o livro dos visitantes e no dia seguinte, cerca das cinco horas da manhã, seguiu para a Tenda Grande, onde embarcou com destino a Benguella.

Um viajante mal humorado entra n'um hotel e pergunta á primeira senhora que encontra:

— Está ha muito tempo presa n'esta jaula?

— Presa não!... Eu sou a proprietaria da casa e dou comida aos bichos...

Um conselheiro dizia a um amigo:

— Se eu tivesse alguma cousa boa, convidava o para jantar comigo.

O creado, que estava proximo, mettendo-se na conversa:

— Mas, sr. conselheiro, v. ex.^a tem uma excellente cabeça de porco.

A quinze dias de vista...

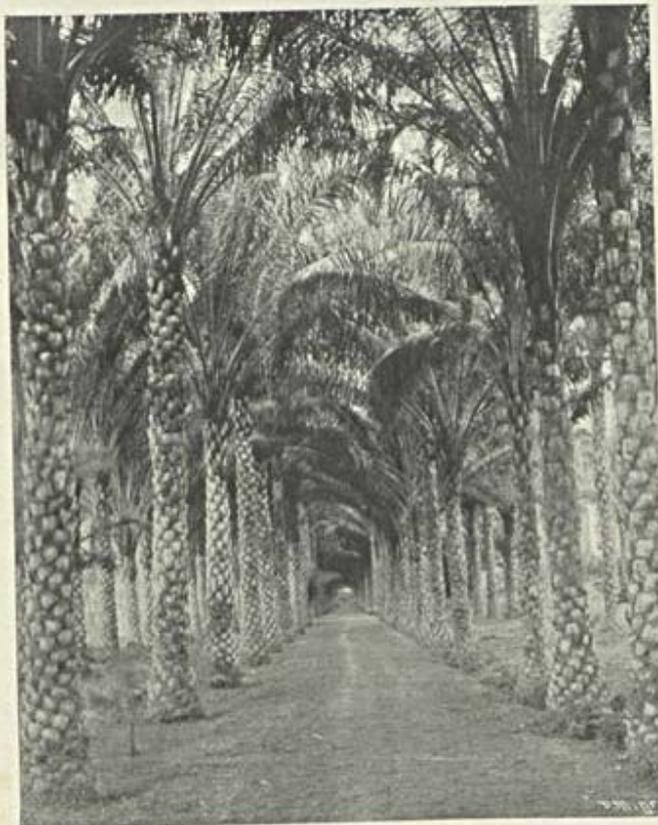
Letras que não obrigam a protesto

XXXIX

D. João da Camara. — Os ultimos temporaes. Ha males que ceem por bens. Os bonitos dias percursors da Primavera. Chegada das andorinhas. — A mania animatographica. Pathés de toda a especie em toda a parte. Os Pathés e os theatros. Uma temporada feliz.

Para nenhum dos meus leitores foi um desconhecido o homem de que vou falar-lhes, D. João da Camara, porque aquellos que não o amaram por pessoalmente o não conhecerem, estimaram-o e respeitaram-o pela sua inconfundivel obra que hoje de ninguém é ignorada.

A sua morte causou uma fundissima impressão. Todos a sentimos — todos. E porque? Porque elle não tivesse um só inimigo?



Viagem do Principe Real. — NA PROVINCIA DE ANGOLA

Antiga rua das Tres Palmeiras e actualmente rua D. Luiz de Bragança por ter passado por ella, vindo do Dombé para o Luacho, Sua Alteza o Principe Real.

Não só por isso. — Sentimos, todos, a morte d'esse homem, porque elle foi entre nós, todos, alguem de excepção.

Era um sabio? Apenas um erudito? Um homem de genio? Não. Elle foi apenas isto — um idealista. Eis o segredo do seu enorme prestigio. Foi um bello, formosissimo talento? Sem duvida. Um escriptor modelar? Certamente. Mas quantos em identicas circumstancias teem cerrado para sempre os olhos no meio da indiferença geral? Muitos, não é assim?...

A que attribuir, pois, o sentimento geral da sua morte?... E' que elle não foi um homem do seu tempo. D'ahi o destaque chocante que o punha em evidencia.

João da Camara viveu por um ideal e para um ideal n'uma época em que se vive pelo estomago e para o estomago. Espirito profundamente religioso no meio de uma turba descrente, alma afinadissima de poeta em trato commum e immediato com uma sociedade utilitaria e pratica, simples, bom e crente n'um meio ferozmente egoista e hostile, necessariamente devia ser o que foi: uma figura de estranho relevo e um infeliz.

E, no entanto, por quantos titulos elle tinha direito á felicidade?... Verdade seja que ainda que ella lhe passasse ao alcance da

mão, elle não faria o gesto — que talvez julgasse inutil — de a segurar.

Portador de um nome illustre entre os mais illustres, duas vezes fidalgo, por sua nobilissima stirpe e pelo seu gentilissimo espirito, vimol-o sempre cosido com a sombra no largo caminho aberto á nobreza de pacotilha, e aos talentos nados e creados no réclame, indifferente, quasi timido, como se se julgasse um intruso, cedendo galante e generosamente o passo ao primeiro atrevido ou inconsciente, os olhos sonhadores vendo para além do horisonte que aos outros marca o termo das aspirações.

Os seus cincoenta e cinco annos foram muito sonhados e pouco vividos. Por vezes, muitas mesmo, os baldões da sorte o acordaram brutalmente, o magoaram profundamente. Elle tinha por momentos a noção clara da realidade e por momentos os seus olhos se turbavam, uma nuvem de melancholia toldava seu rosto sereno. Mas rapido volvia ao sonho e a sua grande alma voava para esse Caminho da Perfeição onde os espiritos dos justos e dos attribulados en-otram a doce paz que conforta, a perturbante embriaguez do ideal que insensibilisa para os rudes ataques da miseria humana.

E era então que elle sonhava a sua obra. Era então que elle adivinhava, espiritualisava, primeiro, corporalisava, depois, as ideaes figuras das suas peças, dos seus poemas, das suas novellas, e d'ahi todas ellas nos apparecerem aureoladas de uma grande pureza, puras nas nobres linhas em que o poeta as lançava, puras nos castos sentimentos, puras nas justas palavras. A sua obra, grande comquanto esparsa e não obedecendo a um criterio philosophico, é uma serie de visões de mystico materialisadas pelas mais delicadas faculdades de artista.

Assim, os *Velhos*; assim, a *Triste Viucinha*; assim essas estranhas figuras dos seus quadros historicos, como a de D. Fuas do *Alcacer Kibir*, as do estupendo poema que é a *Meia Noite*.

E eis o que elle deixou aos filhos: farrapos dos seus sonhos...

Tão bom, tão generoso, que nunca teve uma palavra de recriminação para a vida, que tão amarga lhe foi! Deixou se vencer sem um gesto de opposição; deixou-se expoliar sem um grito de protesto. Acreditava em Deus e no justo premio da sua desventurada vida. Momentos antes de morrer resava fervorosamente.

Resar, aos cincoenta e cinco annos e no tempo que vae correndo...

... E' que elle ia deixar de sonhar; é que elle ia começar a viver!...

Não tardam ahi os senhores lavradores queixando-se das excessivas chuvas e as opposições gritando que o caso é da responsabilidade do sr. João Franco.

Ambos terão razão. Realmente aguaceiros, assim, continuados e torrencias, devem trazer inconvenientes graves á agricultura e não podem deixar de ser obra da dictadura, convencida como ella anda e diz por outras palavras, que tudo isto está a pedir chuva...

Não contesto os prejuizos que á lavoura traga a abundante chuva, antes, como vêem, me declaro convencido d'elles. Mas na minha qualidade de habitante de Lisboa, regosijo-me immenso com este



Viagem do Principe Real. — NA PROVINCIA DE ANGOLA

O «soba» do Luacho e os seus «seculos»

diluvio providencial que supre vantajosamente a acção da vassoura municipal de saudosa memoria, varrendo os lixos e immundicies cuja arrematação dizem ser uma pechincha, mas cuja colheita ninguém, ao que parece, quer fazer.

Não ha bem que sempre dure nem mal que muito ature, porém. Ha tres dias que o tempo está lindo aqui, no Sul, de céu lavado de nuvens, sol brilhante fundindo a terrivel nevoa que é o pesadelo

dos rheumaticos. E' o festival precursor da chegada da Primavera, não ha duvida.

Uma dama sollicita de Villa Franca de Xira communicou ha dias por telegrapha á imprensa diaria a chegada das andorinhas, que s. ex.^a teve a ventura de vêr, ainda no quente, regressarem do longiuquo Egypto ao beiral do seu telhado. É de Alhandra um correspondente barbado (é de presumir que a dama de Villa Franca não esteja incursa na classificação civinina de barbada) tambem communicou menos acceleradamente — pelo correio — a um jornal noticioso de Lisboa terem apparecido na villa as sympathicas avesinhas.

Como võem, a natureza cumpre religiosamente as prescripções do seu código fundamental, inaugurando em prazos certos as estações. Ainda não enfermou de dictadura, louvado seja o Senhor!

Decididamente o animatographo encontrou o seu Brasil... em Portugal. E' um nunca acabar de Pathés! São Pathés grandes, Pathés pequenos, em salões, em theatros, em armazens, em vãos de escada. Não teem conta! Uma onda de pathetice, como diria o sr. Mendonça e Costa para não falhar ao naipe. E toda Lisboa anda satisfeitissima com os seus Pathés concorrendo ás sessões com enthusiasmo que só pode ser comparado ao que esta nobre cidade manifestou pelo illustre gramophone de maldita memoria, que hoje só encontra adeptos nos barbeiros e apenas durante os periodos de festa.

Com uma longanimidade que lhe fica a matar, a instituição official á qual cumpre curar d'estas coisas, deixa estabelecer os animatographos em condições verdadeiramente phantasticas, por fórma que Lisboa está cheia de ratoeiras que podem de um momento para o outro caçar as nossas vidas dado o caso de incendio. Mas a verdade é que a gente morre só uma vez e que não vale a pena ralar o bofe com seringadelas de precauções. Andamos em materia de animatographos como em tudo: á mercê de Deus.

A proposito assignalarei o caso singular de os Pathés não prejudicarem os theatros. Porque a verdade é que poucas épocas theatraes tem sido tão favoraveis ás empresas como a corrente. Os



O Duque dos Abruzzos em Lisboa

Tendo o Duque dos Abruzzos desembarcado por engano no caes do sul o sueste, Sua Alteza o Senhor Infante D. Affonso indicallhe o Arsenal de Marinha, onde o esperava. (Fichê de A. C. Lima).

theatros, todos, teem feito excellentes receitas, em que pese aos pessimistas que andam por ahi a gritar que não ha dinheiro e que a vida em Lisboa está impossivel. Está... isto que vos estou dizendo.

Tambem, valha a verdade, em poucas épocas, como na actual, as empresas teem sido tão felizes na escolha dos seus repertorios. Os *successos* quasi se contam pelas peças postas, mormente em D. Amelia e no Gymnasio. D'ahi, naturalmente, a frequencia desusada ás casas de espectáculo, o furor pelo theatro.



O Duque dos Abruzzos em Lisboa. — No ARSENAL DE MARINHA

Sua Alteza o Senhor Infante D. Affonso, o sr. ministro d'Italia, o sr. Ferreira do Amaral, etc., aguardando o desembarque do Duque dos Abruzzos

Porque, não sei se teem notado, o theatro é, hoje, uma doença nacional. A todos interessa. As nossas damas já escrevem ou traduzem para o theatro. O theatro tem tido o prestigio necessario para tornar amada esta infeliz profissão das letras. E' ler nos jornaes as listas enormes de peças apresentadas á empresa de D. Maria. Das outras, que não dão á publicidade as notas das peças que recebem, sei que são assediadas a todo o momento por desconhecidos auctores e traductores...

Ha muito, tambem, se não notava tão metucioso cuidado nas *mise en-scene* como o do presente. Em toda a parte, felizmente. Mas em D. Amelia, sobretudo, onde Augusto Rosa e Lucinda Simões teem feito verdadeiros prodigios. No Gymnasio, tambem o Valle tem ultimamente cuidado a montagem das suas peças de uma fórma digna de todo o elogio. Ha poucos dias vimos alli uma deliciosa pecinha em um acto, *Em quarto crescente*, trecho delicadissimo de humorismo e boas letras, destoando em absoluto da grossa *pochade*, vertido na melhor linguagem pelo illustre chancellor do consulado do Chili, sr. Leandro Navarro, posta com tanta propriedade e requintada elegancia que era um regalo dos olhos.

Com muita satisfação consigno este progresso, que tanto se fez esperar com desprestigio para a arte e desgosto para todos.

E' tão grato dizer bem de alguma coisa, mormente quando tudo parece concertado em desafiar-nos a só dizer mal, a torto e a direito...

CAMARA LIMA.

A castellã

No terraço do lado do mar, sentada n'um coxim de alongado oval, os chapins de doirada franja, perdendo-se no fôfo da almofada cõr do lago adormecido e solitario — a castellã, a cabeça loira inclinada, pensativa, olha o mar.

No extremo do horisonte o sol esconde-se vagaroso. E lá, uma barra estridente que tudo toma, confrange a vista. Gaivotas, em sulcos vertiginosos quasi mergulham no mar, pairam, e serenas vógam na espuma — rasto de onda que passou apressada e já morre na praia.

Do alto de umas rochas a prumo, a distancia do castello, cujo prolongamento serve de base á torre de menagem, uma aguia assõma, bate as azas indecisa, precipita-se na sua queda de ensaio, eleva-se feroz, rodeia o castello e parte n'um sulco vanglorioso para as montanhas de escuro dôrso, que do outro lado findam o horisonte.

No mar, ondas ha: que momentos, lá longe, parece se deteem indecisa acotovelando-se, até que umas depois de outras, ter-riveis galopando, avançam até aos rochedos — que como sempre as desfazem n'uma extraordinaria gargalhada.

A espuma immaculada resalta até muito alto, brilha em filigranas, e ou cae extenuada ou se deixa ir na arajem, ligando-se com ella até seccar no ar. E a castellã ainda olha o mar, por



(Cliché de A. C. Lima).

O Duque dos Abruzzos em Lisboa

O Duque dos Abruzzos e a sua comitiva sahindo do Ministerio da Marinha

sobre a muralha ennegrecida e arida, absorvendo n'um sorriso, e pelas narinas afiladas, aquella brisa humida e de um amargo macio. Um pagem, de cabellos de ouro fluctuando, passa, curvando-se n'uma mesura.

Paíra a mesma monotonia, a serenidade de sempre...

Mas agora, mal distinctos ainda, vêm uns sons de trompa — algum senhor dos arredóres, que por ali passa, vindo de alguma caçada.

— Quem será?

E uma ideia de alegre surpresa, decerto lhe accorre, pelo sorriso meigo, n'esse instante, um momento indecisa, nos labios poíado um dedo duvidoso.

— Quem será?

Levanta-se.

De novo se ouvem, já ma'is perto, as trompas.

N'uma corrida ligeira de donzella, entra em casa, e sae para o terreiro que do outro lado se debruça sobre a planicie.

Uma pequena cavalgada caraóla por entre as aleas dos olivedos, vinda do sul.

Brilham armas, tremulam plumas, relinham os ginetes; e as trompas em notas altivas, annunciam aos do castello a passagem de um filho d'Algo.

Homens de armas, pagens e cavallariços, accorrem curiosos. E Lópo, o velho chefe de mesnada, neto de outros, todos ao serviço d'aquella antiga casa, descoberto, pergunta?

— Que mandaes, Senhóra?

D. Branca, pallida, arfando-lhe o seio, sem decisão, olha a cavalgada.

— Saudae!...

Passava agora, deifronte, D. Pedro — o sempre-esbelto, que n'um gesto indifferente olha o castello, a sua torre, a gente de armas; mas parecendo surprehendido... ao ver D. Branca. Cofia a barba retinta, abre um sorriso e sauda-a lentamente, abanando a negra e esgula pluma do seu górró.

A gente de armas corresponde, D. Branca inclina a cabeça linda, n'um gesto triste...

Já se afastavam.

O velho Lópo, olhando D. Pedro, murmura, como que complacente: "Sempre esbelto... heroica raça!"

Uma matraca chamava á distribuiçáo das rações. E Lópo ia-se, dizendo como em distraçáo — mas ruim amigo em casa de honra.

Pareceu a D. Branca estar só...

A hora era serena. Trotando, cerrados em manchas escuras, passavam os rebanhos.

Sentada agora no remate de uma ameia, D. Branca dobra-se n'um gesto lindo e, momentos interessada, segue, pelos tons doirados do crepusculo, a aguia que altiva agora paira na planicie.

— Se tu me levasse!... E um soluço a suffocou.

E com os dedos afilados na fronte ardente, como de uma urna pôz-se a tirar as suas recordações.

— Allí passara D. Pedro, o seu mallogrado noivo, com quem folgára em creança, bem perto d'aí, na chorada casa de seus paes. A má fortuna lhe foi derrocando a pouco e pouco, de desgraça em desgraça — como ao velho edificio, de pedra em pedra, os rigóres dos invernos maus.

Restavam tristezas e saudades!

Ordonho, aquelle homem mau e violento, obeso e repulsivo, que sempre a requestára e que com maldade lhes foi traçando a ruina, com a mira da sua posse. Os pezares de sua mãe querida, que empenhára as joias de seus avós para a salvar. E de balde!

Nunca se puderam livrar da réde das traças, em que os ia apertando, aquelle homem maldoso. A mãe morreu-lhe, sem

uma queixa, confiando-a a seu pae adorado, que em bem pouco tempo se lhe juntou no céu.

D. Pedro, irmão de infancia, quasi já dissipára os bens: em luctas com vizinhos, em viagens á córte — e então estava longe combatendo em Terras de além-mar.

Pela ultima vontade de seu pae, casára com Ordonho.

Assim cessara a traça, mas embora em Deus puzesse sua fé, por horror tinha aquella vida — como a rósa delicada de cor e perfumes, ao sapo asqueroso que a fita. E seu pae já morrera.

Assim estava, indefesa, n'aquelle castello de tão má nomeada, onde ainda ha pouco, nas masmorras apodreciam os prisioneiros: e mesmo quando só, entregue a gente que a espionava.

E de novo lhe veio a lembrar o seu noivo perdido, D. Pedro o sempre esbelto...

Em volta de si pairava a mesma serenidade.

Ao seu lado, sob o alpendre da "Sempre Noiva, a velha fonte que nunca secca no seu fio delgado, vae murmurando o seu queixume paciente sobre a lage já finda e infinita, como a immensidão dos tempos

O dia emmudecia e findava serenamente.

A sineta lamentosa da capella lançou as Ave-Marias.

— Ave-Maria, minha mãe do céu!... gemeu de joelhos a castellá, e logo os soluços a suffocaram. O desespero a tomou.

Brados partiram da torre: "nosso amo, ei-lo que chega!"

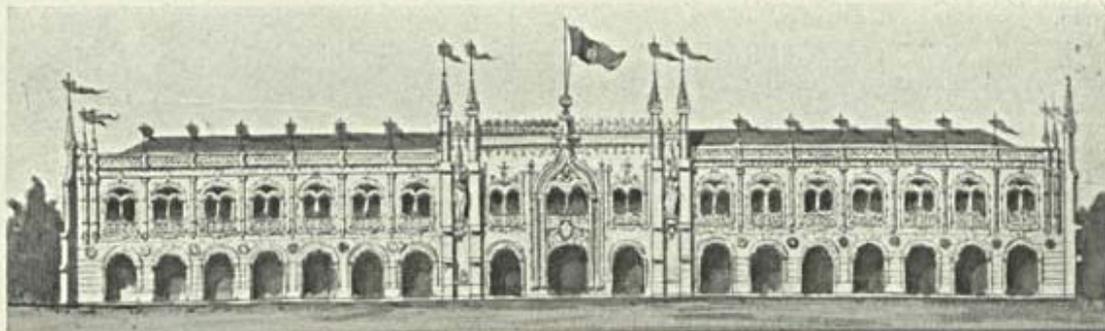
D. Branca ergue-se desvairada e corre para casa. Passa na ante-câmara, atravessa salas desertas e n'uma escura, tropeçando n'um tamborete, cae de joelhos.

Como vem de fóra, nada consegue vêr na sombra da quasi noite. E quando abre os humidos olhos, que a dôr fechou n'um relance de instante, habituada á quasi escuridão — reconhece Ordonho, no retrato pendurado na frente, na parede...

Allí fica muito tempo, sem animo, tapando os olhos.

Um pagem indiscreto passa no corredor.

Acordam-a os seus passos e os estalidos do brandão ardendo, que elle allí puzéra. Lembra-lhe a sua camara, o refugio das suas



(Cliché de Benoit).

O pavilhão de Portugal na Exposição do Rio de Janeiro em 1908



Pedro Alvares Cabral descobrindo o Brasil. — Quadro a óleo, de José Malhóa
feito por incumbência do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro

(O quadro representa o grande navegador no momento em que da amurada da sua caravela descobre a Terra de Santa Cruz, correndo ao fundo a maruja com o alvoroço da feliz nova.)

dôres: levanta-se e para lá foge, corre, como se um perigo a perseguisse...

N'essa camara, dispostas por sua mão, ha uma infinidade de conchas variadas e mysteriosas. — Aos lados, sobre moveis, essas conchas succedem-se, n'uma carreira sinuosa.

Todas offercem, francas como um riso, o seu bôjo largo, onde no fundo, um liquido esverdeado e brilhante tremula. — Mas entre estas, como uma variação, em espaços eguaes, uma outra concha se torce em espiraes, brilhante ou fôska, mosqueada ou toda branca, não se ouvindo o rumor mysterioso do seu bôjo, nem ruido o seu liquido — só mostram a sua bôcca n'um esgare, exaggerando o mysterio.

Todas contem perfumes.

A castellã passa por ellas, no silencio, no mysterio da camara...

Os diferentes casam-se, deixando uma lassidão homogenea, ou levemente accidentada; mas só o espaçado tem o effeito de momentaneamente embriagar, fazendo mesmo no esquecimento sentir o seu arôma divino... desvanece-se, vólta, passa, torna: como o motivo de uma musica, intercallado em séries diferentes que d'elle derivam, e d'elle se afastam infinitamente, até de novo o trazerem.

Mas a castellã soffre, ainda não conseguiu esquecer-se, ainda erra na camara, procurando um extremo...

N'um velador, e quasi moribundos, descahem graciosos, até ao gargálo do frasco que os retém, alguns lyrios brancos dos que sorriem perdidos no dorso dos musgos. É ao lado: umas pobres rosas de Alexandria sorriem ainda, e de uma d'ellas, uma pétala solta, lentamente rudopia até ao chão, esvaída já.

N'um angulo, um movel offercia as suas descripções, estendendo mudo a infinidade das suas gavetas.

De uma d'ellas tirou um frasco de chrysal, de faces macissas e esverdeadas. Destapou-o e por muito tempo, nervosamente, o reteve nas narinas.

Esgaziaram-se-lhe os olhos, uma pallidez extraordinaria lhe cobriu o rosto, as narinas se lhe dilataram e suspenderam, um arpejo voluptuoso, como uma sensação que percorre as veias a retezou, e o braço tanto e tanto lhe tremeu... que o frasco desamparado tombou e se verteu no chão!

Uma lassidão estonteante errava.

Nos candelabros as chammas das velas torciam-se infinitamente. E a castellã vagueando pela camara, n'uma febre de desasocego, fixava os menores objectos, com a fixidez pavorosa que tem o loucos e que impressiona o observador... quando a prendeu o vacuo brilhante de um enorme espelho de Veneza.

Um grito agudo, hysterico, feriu de certo até muito longe a noite mysteriosa de silencio. Ante os seus olhos brilhantes de febre, no profundo do espelho, apparecia, n'uma brancura de phantasma, o seu rosto, que um palôr extraordinario cobria exaggerado ainda pela cauda do seu vestido.

D. Branca começou a errar pela camara, surpresa: como a pessoa que viu um principio de fogo, um perigo, uma coisa horrosa, e tolhida quer ainda tentar esquecer, fazer que não viu! Tapava os olhos, ia de um lado ao outro, mas adivinhava o espelho... fugia-lhe, porque era alli o perigo. Queria sahir e não sabia por onde, tropeçava, cahia, outra vez viu o espelho — tapou os olhos e com gemidos, espavorida, sahio para fóra, pelo corredor, por uma sala, para o terraço...

No céu profundo, a lua scintilhava como mil diamantes fulgurando infinitamente. E a castellã agora deslisava sobre as lagens do terraço, em mudos passos, mais lhe prolongando a esguia sombra a cauda do seu vestido branco... um momento se quedou,

levantando para o ceu, n'um gesto de desespero, as affiladas mãos que o luar beijava.

— Meu Deus, tanta serenidade e a minha dôr tamanha, e eu queria ser fôrte, não succumbir. Tenho-te pedido animo, coragem, — meu Deus!... E tu não me ouves! Onde está a tua bondade, a tua protecção aos que soffrem? Crias a natureza, este mar tão sereno, essa lua tão brilhante, as aves, o sol, as creanças rindo, as fôres que desabrocham a sorrir: crias tudo tão bello e deixas... Deus, que tantas creaturas soffram!

Cahiram-lhe os braços, fugira-lhe a esperança, e uma tristeza immensa a tomou, das que por serem profundas asphixiam, e lagrimas vagarosas lhe deslisaram pela face — como fios de perolas a desmancharem-se. E n'um salgueiro da fugitiva ribeira, um rouxinol, decerto enamorado, soita uma melodia, trémula n'uma angustia como uma confissão, torna-a depois mais fina, rouqueja como n'um desespero e termina n'um suspiro...

D. Branca começou a passear da muralha para a passagem inclinada, da passagem para a muralha, os braços pendidos e os olhos fitos. — Attrahia a alli o marulhar espaçado das ondas.

Vinha, as ondas desfaziavam-se por entre os rochedos, ficava a sua agua inquieta e depois a sua espuma. Voltava, a espuma era muito branca, mas deslisava pelos seus dôrsos, não os encobria. Tornava, nem mesmo o luar conseguia branquear os seus escarpados agudos, destacados sobre a immensidade illuminada do mar, como negras ironias.

E aquelle contraste tanto a prendeu, que primeiro sentou-se na muralha que os domina, depois debruçou se, demorando os seus olhos meigos na caricia da espuma: e por fim inclinou-se e tanto, tanto — que se despenhou na negra ironia dos rochedos...

Romperam-se-lhe as faces exangues, que pelo setim, lembravam o lyrio.

Era-lhe bem mortalha o vestido branco em que a lua tinha enlanguescido.

Uma onda que vinha de longe buscando a praia, beijando-a, tambem alli morreu n'um soluço.

E a cruz da velha capella, como sempre, estendia a muda supplica dos seus braços...

Casa das Pyramides. — Setembro, 1907. — Bairrada.

Armando Faria Guimarães.



«Basta meu pae!» — Quadro a óleo, de José Malhóa

(O quadro representa uma scena de arraial. Um camponio embriagado sustem-se de pé por milagre, empunhando com mão tremula o copo meio de vinho. A filha supplica-lhe que não continue.)



A bordo do Augustine. — Grupo de «tenistas» organizado pelo sr. Guilherme Pinto Basto e pessoas que se foram despedir dos jogadores



(Cliché de Benolle).

A bordo do Augustine. — Outro aspecto

Os expedicionarios na Madeira

Já depois de passadas as festas merecidas e cordealissimas feitas pela cidade de Lisboa aos valentes vencedores dos Cuamatas, chegaram-nos noticias minuciosas das festas tambem muito espontaneas e revestidas do possivel brilho, realizadas na cidade do Funchal na ilha da Madeira, á passagem d'aquelles heroes.

Em Lisboa tomaram parte nas festas todas as classes da sociedade, desde o monarcha e a familia real até aos mais modestos vendilhões da rua que no seu fervente entusiasmo os acclamaram por toda a parte.

No Funchal representou o principal papel na recepção dos expedicionarios, gloriosamente commandados pelo valente capitão Roçadas, a officialidade do regimento 27 de infantaria, que timbrou em dar-lhes as boas vindas da maneira possivel e compativel com a exiguidade do tempo que o paquete alli tinha de demora, que foram apenas poucas horas.

Uma commissão de africanistas da terra foi ao encontro do paquete em vapores fretados e veiu acompanhando-o até ao ancoradouro com prolongados vivas e saudações de grande estrondo, musica e estrepitosos foguetes.

Ao desembarque no caes estava postada uma guarda d'honra commandada pelo capitão J. Lomelino, antigo e muito distincto africanista, com musica e bandeira. Houve depois um *Te-Deum* na Sé e d'alli seguiu tudo para o quartel do regimento, em cuja parada estavam dispostas vinte e quatro mezas com varias eguarias, doces, fructas e vinhos e onde os sargentos, cabos e soldados da Africa tismados pelo sol e pelo fumo da polvora, foram opiparamente tratados pelos seus camaradas do 27.

Os officiaes seguiram do quartel para o Monte, onde lhes foi offerecido um *lunch* ruidoso e alegre, regressando todos depois á pressa, porque o tempo apertava, em carros do monte.

Passaram então novamente no quartel onde os officiaes da guarnição da terra offereceram uma taça de champagne aos seus ca-



O regresso da columna expedicionaria ao sul d'Angola
O capitão Roçadas no Funchal

(Retrato tirado no hotel Belmonte onde foi offerecido o *lunch* aos officiaes expedicionarios)

(Cliché de J. J. Silva Vieira — amator).

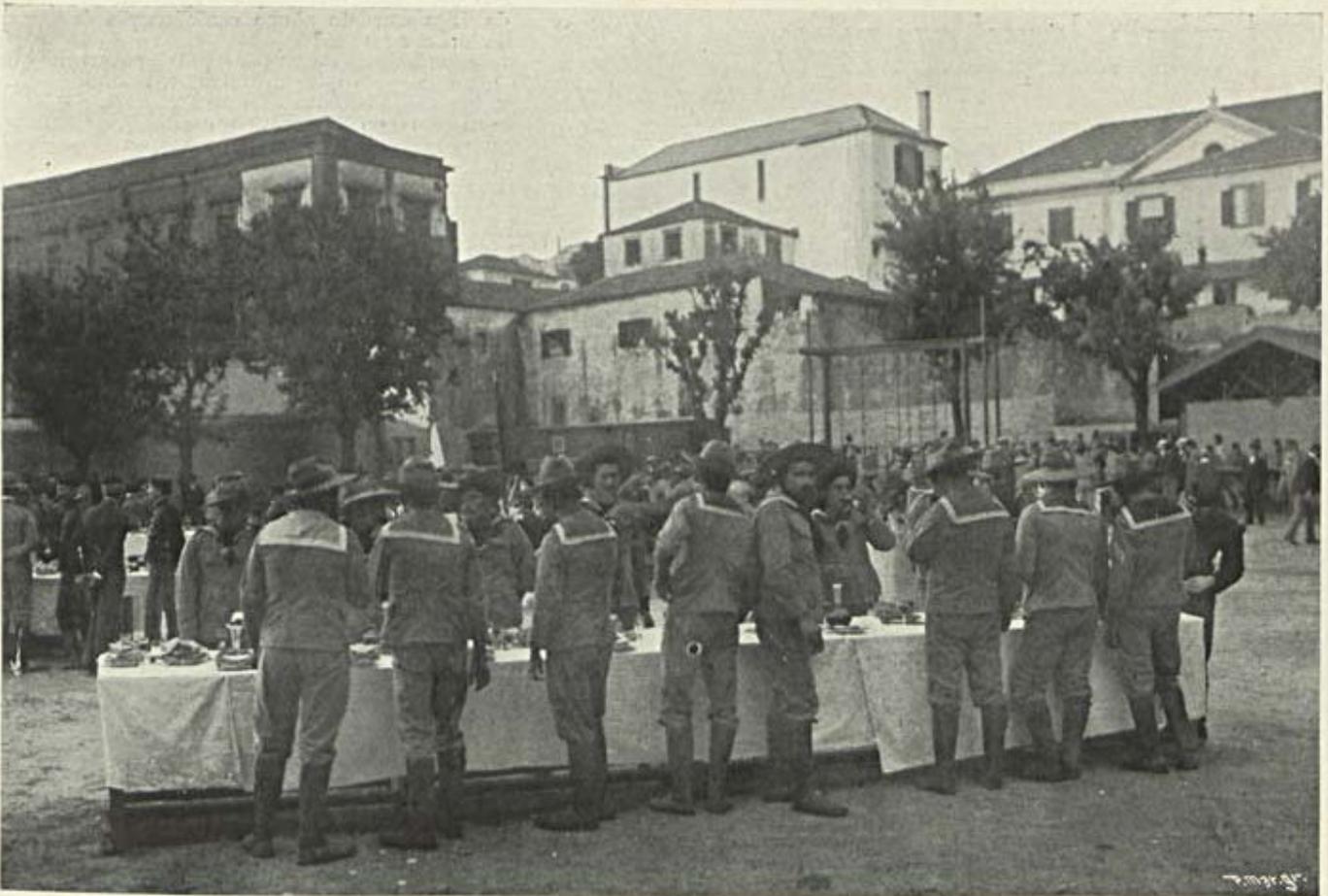
maradas recém-chegados, voltando a bordo quem tinha de seguir viagem já á noite. Na praça da Constituição, na occasião da passagem, tocaram duas musicas e estavam todos os edificios illuminados a côres, bem como os arcos de triumpho, reinando em todos os assistentes um tão cordeal entusiasmo que fez derramar lagri-



(Cliché de C. Brianehi.)

O regresso da columna expedicionaria ao sul d'Angola. — No FUNCHAL

Parada do quartel d'infantaria n.º 27 onde foi offerecido um «*lunch*» às praças expedicionarias. — Um aspecto



(Cliché de C. Brianebi.)

O regresso da columna expedicionaria ao sul d'Angola. — NO FUNCHAL

Parada do quartel d'infantaria n.º 27 onde foi offerecido um «lunch» às praças expedicionarias. — Outro aspecto

mas de alegria ao bravo, sympathico, modesto mas energico capitão Roçadas. Os nossos valentes camaradas que tão alto elevaram o nome portuguez e a gloriosa bandeira das quinas no sertão da Africa, e tão bellas lições de organização, de bravura, de disciplina e de boa ordem deram aos soldados europeus que alli bem perto d'aquella região se teem visto a braços com identicas difficuldades, merecem tudo que se lhes faça e todos os encomios que se lhes dirijam!

Vivam os heroicos vencedores dos Cuamatás!

Damos hoje duas gravuras representando aspectos da parada do quartel do 27 durante o *lunch* dos officiaes inferiores e soldados, e damos tambem um retrato do grande capitão Alves Roçadas.

AUGUSTO DE CASTILHO.

Tabella de multas no reinado de Luiz X, rei da França

Um quadro curioso das multas da policia correcional, taes como foram reguladas por Luiz X em 1314:

Por um murro	8 réis
Por um murro com pedra na mão	40 »
Por deitar a mão ás guellas d'outrem.....	40 »
Por deitar ambas as mãos ás guellas d'outrem	112 »
Por escarrar na cara	48 »
Por dar um murro no nariz, não havendo sangue.....	40 »
Havendo sangue	80 »
Por um pontapé.....	80 »
Por uma estocada, não havendo sangue.....	80 »
Havendo sangue.....	104 »
Por uma ferida acima dos dentes.....	288 »
Sendo abaixo dos dentes	416 »
Por braços e pernas quebradas	1\$152 »
Por cada dente partido	1\$152 »

Oração

Virgem Santa, Mãe de Deus,
Amparo do que padece,
Escuta dos labios meus
Fervorosa e ardente prece.

Eu bem sei que não mereço
Que os teus piedosos olhos
Se volvam para os escolhos
Onde continuo tropeço;

Mas não é por mim tambem
Que imploro a tua bondade,
Oh doce aurora do Bem,
Fonte de toda a piedade!

Ha n'este mundo, senhora,
Uma creança formosa,
Como a doce luz da aurora,
Meiga, pura e virtuosa,

E eu tenho-lhe tanto amor
Como tu, Mãe de Jesus,
Ao teu filho, ao Redemptor,
Que morreu pregado á cruz.

Põe n'ella os olhos piedosos,
Semeia no seu caminho
Os lirios mais preciosos
Do teu maternal carinho;

E que me importa, Senhora,
Que me fira a desventura:
Para ella a luz da aurora!
Para mim a noite escura

Alfredo Guimarães.

A solução do problema polaco

É realmente triste e desconsolador que, no seculo actual, existam na Europa povos tratados como especies de rebanhos, sem quaesquer considerações e respeito pelos seus mais legitimis direitos e aspirações.

Ha mais de um seculo que a Polonia foi brutalmente dividida, e tem sido victima da mais monstruosa iniquidade, e do mais injustificavel abuso de força, não se permitindo aos seus filhos falar a sua propria lingua, sendo perseguidos, martyrisados, ameaçados de deportação e exterminio, e vendo-se impellidos a expatriarem-se, como succedeu, entre muitos outros, ao notavel escriptor polaco Henryk Sienkiewicz, author do *Quo Vadis* que, no



O principe Zbawca-Riedelski

seu appello patriotico á Humanidade contra a iniquidade allemã, tem demonstrado serem desconhecidas na historia as humilhações impostas aos seus irmãos! A esse apello respondeu Tolstoi com uma carta vibrante de energia, amaldiçoando os governantes do mundo, descidos ao mais baixo gráu da escala moral.

Foi dissolvida a sociedade nacional a *Matica*, que era constituída por 116.000 membros que haviam organizado 624 clubs, e creado 718 escolas frequentadas por 76.000 alumnos, e 500 livrarias contendo 221.000 volumes!

A camara dos deputados de Berlim acaba de approvar um projecto de lei da expropriação dos polacos em proveito de colonos allemães, no intuito de destruir a idéa da autonomia polaca.

E todavia o tratado de Vienna promettia aos polacos representação nacional, o respeito pelas instituições nacionaes, completa liberdade de acção e garantia da posse das suas propriedades.

Porém os polacos, pelo seu caracter heroico e independente, não tem podido resignar se á oppressão que contra elles tem sido injustamente exercida.

Em 1905, o Papa enviou ao clero e aos polacos catholicos uma encyclica, aconselhando-os a acceitar a constituição que lhes fôra outhorgada pelo Czar; mas n'um comicio realizado em Varsovia, o qual durou dez horas, 417 membros do clero catholico da Polonia russa resolveram propagar as doutrinas da democracia christã, reclamar a autonomia da Polonia com um parlamento especial e suffragio universal, e exigir que a lingua polaca fosse usada officialmente.

E é tão forte o amor patrio que os anima que na alta Silezia o candidat. polaco Adam Napieralski foi, na ultima eleição, eleito deputado por uma maioria de 25.817 votos, quando na eleição anterior o candidato do governo tinha apenas obtido 20.145 votos.

Inspirados pelo seu patriotico ideal, os polacos organisaram uma liga para a confederação dos Estados Unidos da Polonia, da qual é fundador e presidente o principe Zbawca-Riedelski que dirigiu ao Congresso de Haya uma mensagem assignada por mais de vinte dos seus compatriotas, sollicitando dos diplomatas das nações representadas no Congresso que auxiliassem, em nome da Justiça e da Humanidade, uma confederação dos Estados da antiga Polonia.

A mensagem igualmente dirigida a todos os governos das nações civilisadas, e principalmente ao generoso povo francez constituído na democracia republicana, sob o lemma sympathico e perduravel da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, invocava a necessidade de ser substituído o direito da força pela proclamação dos principios sagrados do direito natural e da sã justiça, unicos que permittem desenvolver os immortaes principios de solidariedade, fraternidade, democracia, liberdade, e união indissolúvel dos povos.

A patriotica Liga tem ultimamente appellado nos jornaes inglezes para os sentimentos liberaes da Inglaterra, na esperança de conseguir o apoio da grande nação, a favor da reconstituição da sua patria, digna pelo seu illustre passado e pelas suas honrosas tradições, de ser livre e independente.

O ideal da Liga consiste n'uma confederação da Polonia e Lithuania pela fórma seguinte:

1.º A parte allemã tendo Posen por capital, governada por um funcionario nomeado pelo governo allemão, e confirmado pela mais alta auctoridade do imperio allemão.

2.º A parte russa, tendo Varsovia por capital, governada analogamente por um funcionario nomeado pelo governo russo, e confirmado pela mais alta auctoridade da Russia.

3.º A parte austriaca tendo Lemberg por capital, governada semelhantemente por um funcionario austriaco, e confirmado pela mais alta auctoridade austriaca.

4.º As tres potencias protectoras, bem como a Inglaterra, França, Italia, Portugal, Hespanha, Suecia, Turquia e os Estados Unidos da America elegeriam, como se procede em relação á ilha da Creta, um governador geral com residencia em Yensor, na fronteira dos tres Estados, onde funcionaria o parlamento polaco, tendo o governador geral a responsabilidade da administração economica e militar, e a faculdade de concluir, com o apoio das tres potencias protectoras, quaesquer tratados que sejam necessarios para salvar a independencia do seu poder.

Por esta fórma, o problema polaco seria resolvido no espirito da justiça, em proveito das tres potencias protectoras, da Polonia e da Humanidade, servindo a reconstituição da Polonia de mais uma valiosa garantia em favor da paz europeia.

A sorte da Polonia não pôde deixar de interessar aos portuguezes tão ciosos da sua independencia e liberdade, sendo-nos grato recordar que em 1864 uma grande commissão presidida pelo marquez de Niza realizou no antigo Passeio Publico um beneficio que foi uma grandiosa e importantissima manifestação popular, a favor das viúvas e orphãos da insurreição polaca de 1863. Na mesma epoca representou-se no theatro da Rua dos Condes o drama em tres actos do escriptor Pedro Carlos d'Alcantara Chaves — Os martyres da Polonia. —

A politica deve estar sempre em harmonia com os principios humanitarios; e nem Portugal pôde comprehendel-a de diverso modo. A boa politica deve ser essencialmente benefica e humanitaria, promovendo o bem estar, a prosperidade e a liberdade dos povos que tem o direito incontestavel de escolher o regimen de governo que mais lhes convenha. Os homens verdadeiramente livres não pôdem deixar de protestar contra uma politica egoista que produza escravos.

Pela acção da Europa, os Balkans, provincias semi barbaras e opprimidas da Turquia, foram transformadas nos florescentes estados constitucionaes da Bulgaria, Servia e Romania.

E' já tempo de que, com o apoio e a solidariedade dos governos europeus, renasça para a infeliz Polonia uma nova era, e cessem a oppressão e a escravidão de que tem sido victima, as quaes representam um crime perante a Humanidade.

C. de Brito.

Certo portuguez estando n'uma cidade da Hollanda e vendo-se embaraçado por ignorar a lingua do paiz, exclamou n'um excesso de mau humor:

— Que estúpido povo é este! Estou aqui ha cinco annos e ainda ninguem entende o que eu digo?

Um professor, interrogando um alumno:

— Amar, que tempo é?

O alumno, com ar de troça:

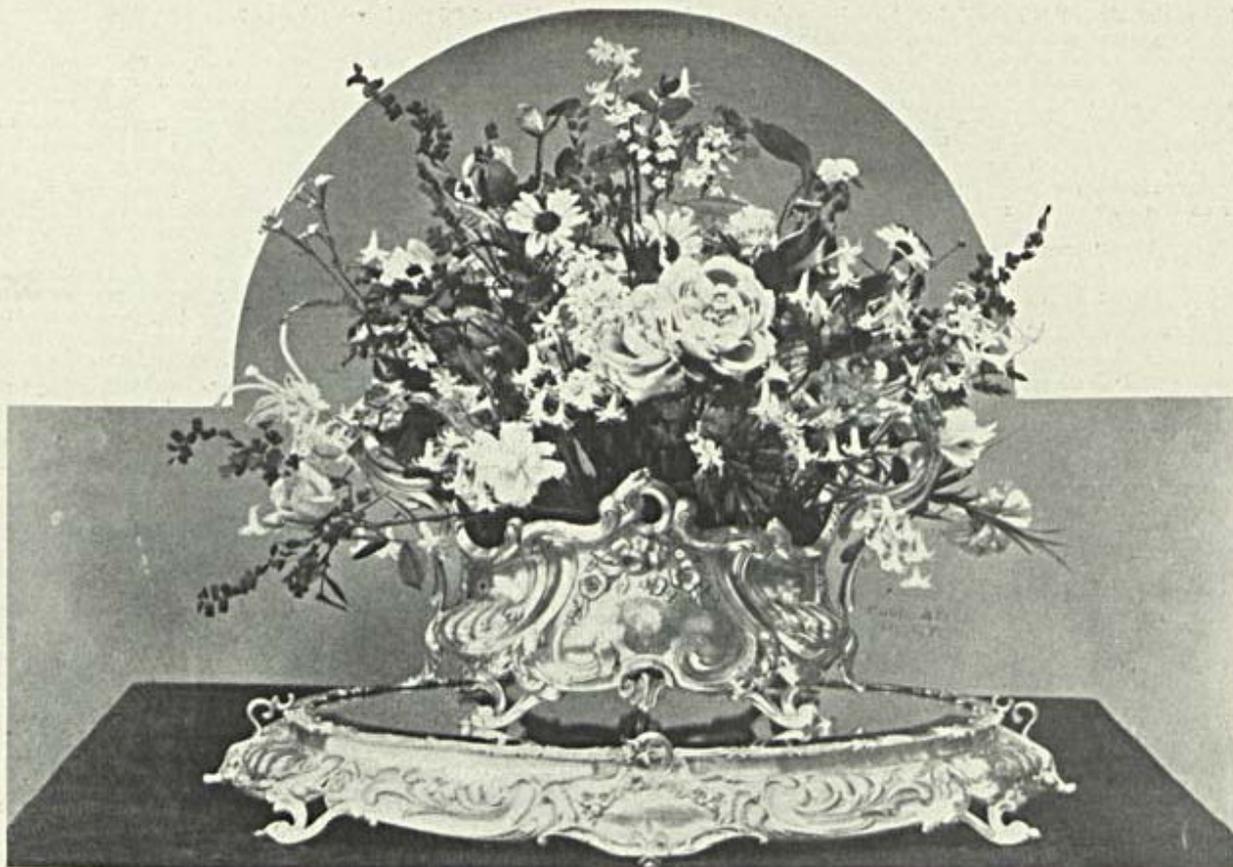
— Diz a mamã que é tempo perdido.



Festejos no Porto em honra do capitão Roçadas e dos officiaes expedicionarios ao sul d'Angola

Estatua representando a Victoria offerida ao capitão Roçadas pela Camara Municipal do Porto

(Cliché da photog. Alvão — Porto.)



Festejos no Porto em honra do capitão Roçadas e dos officiaes expedicionarios ao sul d'Angola

Centro de mesa, de prata, offerecido pelo Club dos Girondinos ao capitão Roçadas;

(Cliché da photographia Alvão — Porto)

As duas tabernas

Voltava eu de Nimes n'uma tarde de julho. Fazia um calor de abafar. A perder de vista a estrada branca, abrasada, estendia-se por entre oliveiras e carvalhos, sob um grande sol de prata fôsea, que enchia todo o céo. Nem a mancha de uma sombra,

nem um sôpro de vento. Só a viração do ar quente e o grito estridulo das cigarras, musica rouca, fatigante, de rapido compasso, e que parece a propria senoridade d'essa immensa vibração luminosa... Havia duas horas que eu caminhava em pleno deserto, quando de repente, deante de mim se destacou da poeira da estrada um grupo de casas brancas. Era o que se chama a muda de S. Vicente; cinco ou seis casarões de telhados vermelhos, um tanque sem agua no meio de umas figueiras rachiticas, e lá ao fundo do casal duas grandes tabernas em face uma da outra, de cada lado do caminho.



Festejos no Porto em honra do capitão Roçadas e dos officiaes expedicionarios ao sul d'Angola

Cliché da photographia Guedes — Porto)

A chegada à estação de Campanhã

A visinhança das duas tabernas tinha não sei que de surpreendente. De um lado, uma grande casa nova, cheia de vida, de animação, todas as portas abertas, a diligencia parada em frente, os cavallos que desatrelavam, fumegando, os viajantes de pé, bebendo á pressa na estrada, á sombra curta das paredes; a cavallariça cheia de muares, de carroças, os carreiros deitados sobre os telheiros á espera do fresco. No interior, gritos, juras, soccos sobre as mesas, tilintar de copos, estalar de bolas nos bilhares, rolhas grossas saltando, e, dominando todo este tumulto, uma voz alegre, forte, que fazia tremer os vidros, cantando:

Ergueu-se de madrugada
A formosa Margarida
E de saia arregaçada
Foi-se á fonte, de corrida.

A taberna, em frente, pelo contrario, estava silenciosa, e como abandonada. Herva crescendo á entrada, as janellas quebradas, um mirrado ramo de azevinho á porta, com um vermelho pennacho, uma pedra do caminho a servir de rebate... Tudo isto tão pobre, tão miseravel, que era verdadeiramente caridade entrar ali para tomar alguma coisa.

Ao entrar, dei com uma grande sala deserta e silenciosa, que a luz, jorrando por tres janellas sem cortinas, fazia mais deserta e silenciosa ainda. Algumas mesas côxas, onde havia uns copos embaciados pelo pó, um bilhar cheio de rasgões, com as suas quatro ventanilhas escancaradas como bocejos, um banco com o estofado amarello muito sujo, um velho balcão, dormiam ali n'um calor doentio, e pesado. E môscas! môscas! nunca vi tantas; no tecto, collocadas aos vidros, nos copos, aos grupos... Quando abri a porta, foi um burburinho, um zumbir, como se se entrasse n'uma colmeia...

Ao fundo da sala, no vão de uma janella, estava uma mulher de pé, contra a vidraça, muito entretida a olhar para fóra. Chamei-a duas vezes: «Olá, patrão!» Ella voltou-se lentamente e deixou-me ver um pobre rosto de aldeã, encarquilhado, fendido, côr de terra, encaixilhado n'uns grandes tufos de renda desbotada, como usam as nossas velhas. Não era comtudo uma velha. As lagrimas tinham-n'a encanecido.

— O que quer? perguntou-me ella, enxugando os olhos.

— Sentar-me um momento e beber alguma coisa.

Ella olhou-me muito espantada, sem se mexer, como se não comprehendesse.

— Mas não é aqui uma taberna?

A mulher suspirou.

— Sim... é uma taberna, se assim o quer... mas porque não vae ali defronte, como os outros? é bem mais alegre...

— E' muito alegre de mais para mim... Antes quero ficar aqui.

E, sem esperar a resposta, installei-me deante de uma mesa. Quando teve a certeza de que eu fallava seriamente, a taberneira pôz-se a andar para um lado e para o outro, muito fatigada, abrindo gavetas, remexendo garrafas, limpando copos, enxotando as môscas... Sentia-se que este viajante a servir era um acontecimento. De vez em quando, a infeliz parava e levava as mãos á cabeça como se desesperasse de conseguir servir-me.

Depois passava para a outra sala, ao fundo; ouvia-se então mexer em grandes chaves, atormentar fechaduras, esquadrinhar na arca do pão, soprar, escovar, lavar pratos. De quando em quando, um grande suspiro, um gemido abafado.

Depois de um quarto de hora d'esta azafama, vi deante de mim um prato de *passerilles* (uvas seccas), um velho pão de Beaucaire, duro como gesso, e uma garrafa de murraca.

— Prompto! disse a extranha creatura.

E voltou immediatamente a tomar o seu lugar á janella. Enquanto bebia, procurei fazel-a fallar.

— Não vem por aqui muita gente, não é verdade, pobre mulher?

— Oh! não senhor, ninguém. Quando estávamos sós na aldeia, era diferente, tínhamos a miudo jantares de caça, no tempo dos marrecos, diligencias que passavam aqui todos os dias... mas depois que os visinhos vieram estabelecer-se ali, perdemos tudo... Os viajantes gostam mais de ir ali defronte. Acham que é muito triste aqui... E de facto, a casa não é lá muito agradável. Eu não sou bonita, tenho as febres, os meus dois filhos morreram... Além, pelo contrario, ri-se sempre. A dona da taberna é uma arlesiana, uma linda mulher, com boas roupas e uma cadeia de ouro, que dá tres voltas ao pescoço. O conductor, que é seu amante, leva para lá a diligencia. Além d'isso, criadas appetitosas... tudo chama a freguezia. Vae lá toda a rapaziada de Bezances, de Redessau, de Jonquiéres. Os carreiros torcem o caminho para passar pela porta d'ella... Eu estou aqui todo o dia sem me apparecer um freguez.

Ella dizia isto com voz distraida, indifferente, com a cabeça sempre apoiada contra os vidros. Havia evidentemente na taberna fronteira alguma cousa que a preocupava.

De repente, do outro lado da estrada, fez-se um grande movimento. A diligencia começou a mover-se no meio da poeira. Ouviu-



Festejos no Porto em honra do capitão Roçadas e dos officiaes expedicionarios ao sul d'Angola

Na Associação Commercial. — Aspecto da sala do banquete offerecido ao capitão Roçadas e aos officiaes expedicionarios

(Cliché da photographia Aivão — Porto)

se o estalar do chicote, a corneta do postilhão, as raparigas correndo á porta, gritando:

— Adeus! até á vista!

E por cima de tudo isto, a formidável voz, cantando cada vez mais forte:

Enchia a bilha na fonte,
Que corre entre os salgueiros,
Emquanto a encosta do monte
Desciam dois cavalleiros.

A esta voz, a taberneira estremeceu, e, voltando-se para mim, disse, baixinho:

— Ouve, é o meu homem... Não é verdade que canta bem?

Olhei para ella estupefacto.

— Como! seu marido?... Pois elle tambem alli vae?

Ella então, com voz maguada, mas com uma grande doçura, disse:

— Que quer o senhor? os homens são assim, não gostam de vêr chorar e eu choro sempre, depois da morte dos pequenos... Além d'isso, é tão triste este casarão, onde nunca vem ninguém! Por isso, quando está muito aborrecido, vae beber alli defronte, e como tem uma bella voz a arlesiana pede-lhe para cantar. Chut!... lá continúa.

E tremendo, com as mãos para deante, com grossas lagrimas, que a faziam ainda mais feia, ficou como em extase deante da janella a ouvir o seu José cantar á arlesiana:

E junto d'ella ao chegar
Disse um: — Adeus, minha filha,
Deixe-me a sêde afogar
Na agua da sua bilha.

A. DAUDET.



Danças hespanholas

*D. Maria del Carmen, D. Maria de los Angeles
e D. Maria de los Remedios Santos Silva y Montesino*
Principio do «tango»

CREANÇAS

Os grupos encantadores que nestas duas paginas se vêem são formados por umas galantes creanças, em cujas veias corre o sangue do famoso general Espartero. Pertencem a uma illustre familia hespanhola. Seus paes a sr.^a D. Virginia Montesino y Espartero e o sr. D. José Santos y Silva residem actualmente em Lisboa.

São por conseguinte netos maternos do Duque da Victoria, que tanta nomeada teve em Hespanha e netos paternos do nosso grande tribuno, tambem fallecido, Santos e Silva.

O numero cinco

Os chinezes teem grande predilecção por este numero. Segundo a sua opinião ha:

Cinco elementos:— *agua, fogo, metaes, madeiras e a terra.*

Cinco virtudes perpetuas:— *bondade, justiça, prohibidade, sciencia e verdade;*

Cinco gostos:— *azedo, doce, amargo, acido, e salgado;*

Cinco côres:— *azul, amarello, côr de carne, branco e preto;*

Cinco visceras:— *figado, coração, pulmões, rins e estomago;*

Cinco órgãos dos sentidos:— *ouvidos, olhos, bocca, nariz e so-brancelhas.*

Acerca dos órgãos dos sentidos escreveu um auctor chinez um curioso dialogo no qual a bocca se queixa de que o nariz está muito perto e por cima d'ella; o nariz defende os seus direitos allegando que sem elle poderiam muitas vezes entrar na bocca alimentos corruptos. Passa depois tambem o nariz a queixar-se de estar por baixo dos olhos mas estes respondem que a não serem elles, correr-se-hia muitas vezes o risco de dar com as ventas no chão.

Theatros

D. Amelia, O verdadeiro rumo. — D. Maria, João José. — Gymnasio, O José do Egypto. — Trindade, Principe Real, Avenida e Rua dos Condes, Revistas do anno. — Colyseu dos Recreios, O Roku.
— O que está sendo S. Carlos.

Vae uma febre de peças novas, de coisas ineditas pelos theatros que n'esta época de sobresaltos, de preoccupações, de receios, teem sido mais frequentados que nunca.

Parece que todos procuram nas distracções o esquecimento d'estas horas aborrecidas, d'estes dias aziagos, em que o commercio se acha quasi paralysado, em que todos, não sabendo o que poderá ser o dia de amanhã, se preparam, guardando o seu peculio, levantando dos bancos e montepios os dinheiros que lá depositaram, habilitando se emfim para qualquer eventualidade.

Apesar d'isto, porém, ou por causa d'isto mesmo, os theatros teem mais frequentadores que nunca, os animatographos enchem-se todas as noites, e as empresas, animadas com a presença do publico, variam quanto possivel os seus espectaculos.

E' assim que em **D. Amelia** a época tem sido brilhante. As melhores peças francezas e inglezas lá teem sido representadas com successo.

A casa em ordem, As duas madame Délauxe, o Raffles, e agora *O verdadeiro rumo* (Chacun sa vie) teem sido alternadamente representadas, dando enchentes ao elegante theatro.

Esta ultima comedia, esmeradamente traduzida pelo sr. Cunha e Costa, é uma peça paradoxal, mas scintillante de espirito, do bello espirito francez, cheia de graça e de fina malicia.

São seus auctores os espirituosos comediographos Ghensi e de Guiches. Tem tres actos e Augusto Rosa levou-a na sua festa artistica, creando um bello typo no protagonista, Francisco Desclos,



Danças hespanholas. — 2.^a copla das «peteneras»

(Clichés de A. C. Lima).

um marido bondoso e passa-culpas, que paga a traição da mulher obrigando o amante a casar com ella, a fazê-la feliz visto que se amam.

Elle, divorciado, casará com outra que melhor o comprehenda. Esta philosophia, que nem a todos os maridos é dada, seria o ideal da vida, a felicidade do *ménage*.

Maria Falcão, a mulher, creada para o luxo, para o brilhantismo da vida mundana, representou muito bem o seu difficil papel e

apresentou *toilettes* riquíssimas e do melhor gosto, como outras, admiráveis também, já exhibira no *Raffles*.

E' ella e Lucilia Simões quem, entre nós, bate no theatro o record da elegancia e do luxo.

Chaby, com uma caracterisação engraçada, com a sua plastica algo comica, creou um dramaturgo incomprehendido e massador, que arranca sempre gargalhadas estridulas a toda a sala. E' uma feliz e bella criação, uma das melhores da sua galeria.



Danças hespanholas. — 1.ª copla das «sevillanas»

Os outros artistas, Antonio Pinheiro, Laura Cruz, Alexandre de Azevedo e Augusto Antunes deram relevo aos seus papeis, resultando um conjunto magnifico.

Em **D. Maria** reapareceu Angela Pinto no seu antigo papel da magnifica peça hespanhola de *João José*, de Joaquim Dicenta.

A superior criação da leviana Rosa foi mais uma vez superiormente representada pela illustre artista, que está illuminando com os fulgores do seu talento dois theatros. Não tendo escriptura em nenhum, apresentou-se em **D. Amelia** na protagonista das *Doas madame Délauxe* e, em **D. Maria**, na *Rosa*, do sensacional drama hespanhol.

Diz-se que também representará, ainda esta época, no theatro



Danças hespanholas. — 2.ª copla da «jota»

Avenida, creando o principal papel de uma peça de Lorjô Tavares: *O 1808*, em que fará um adoravel *travesti*.

O maestro Calderon está fazendo a musica para essa peça.

No desempenho do *João José* salientaram-se: Anna Pereira e Ferreira da Silva, nos seus antigos papeis, e Luiz Pinto, o protagonista, que tem por ventura no *João José* o seu melhor trabalho artistico.

Augusta Cordeiro, Mello, e Pinto Costa, em papeis de certa importancia, houveram-se á altura dos seus creditos.

Magnifica também a época para o **Gymnasio**, com a escolha

das suas peças: *O filho milagroso*, *o Pinto calçado* (original portuguez) *o Sogro de Labiche* e *o José do Egypto*, em que o sr. Freitas Branco confirma a sua grande competencia theatral, pois que com o simples *compte-rendu* de uma peça allemã fez uma deliciosa peça portugueza, na qual a graça esfusia e se succedem as situações hilariantes que conservam sempre o publico n'uma tensa impressão de agrado.

Arreglador, ensaiador, e os artistas que desempenham o *José do*



Danças hespanholas. — Ultima copla das «sevillanas»

Egypto e que deram grande relevo aos comicos personagens, receberam do publico as maiores manifestações de applauso.

Continuam as Revistas a dar enchenes aos theatros: na **Trindade** *A semana dos nove dias*, no **Principe Real** *O da guarda*, que já é macrobia, no **Avenida Pra frente** e no da **Rua dos Condes** *Vae... ou racha*.

No **Colyseu dos Recreios** o Raku tem sido a ordem do dia, isto é, da noite, e os que com elle se tem batido desde os amadores Grillo e Leite até ao gymnasta Alves da Cunha e ao professor Awata, são os que melhor poderão dizer dos processos do invencivel luctador japonês, que pesa menos de 60 kilos e domina, dentro de minutos, o maior athleta d'este mundo. Tem havido no Co-



Danças hespanholas. — Figura final do «zango»

(Cliché de A. C. Lima).

lyseu enchenes a trasbordar, e o *Ju-jutsu* tornou-se mais que uma preocupação, tornou-se o prato de todas as conversas, o alvo de todas as discussões.

Falta **S. Carlos**, que vem no fim, e d'esta vez não deve em boa razão vir n'outro logar um theatro que se diz ser o theatro por excellencia do mundo elegante, e que tem a mais detestavel companhia lyrica que tem vindo a Lisboa, e em scena uma serie de operas que, a não ser a *Aida*, representam pouco menos que uma serie de *fascos*.